

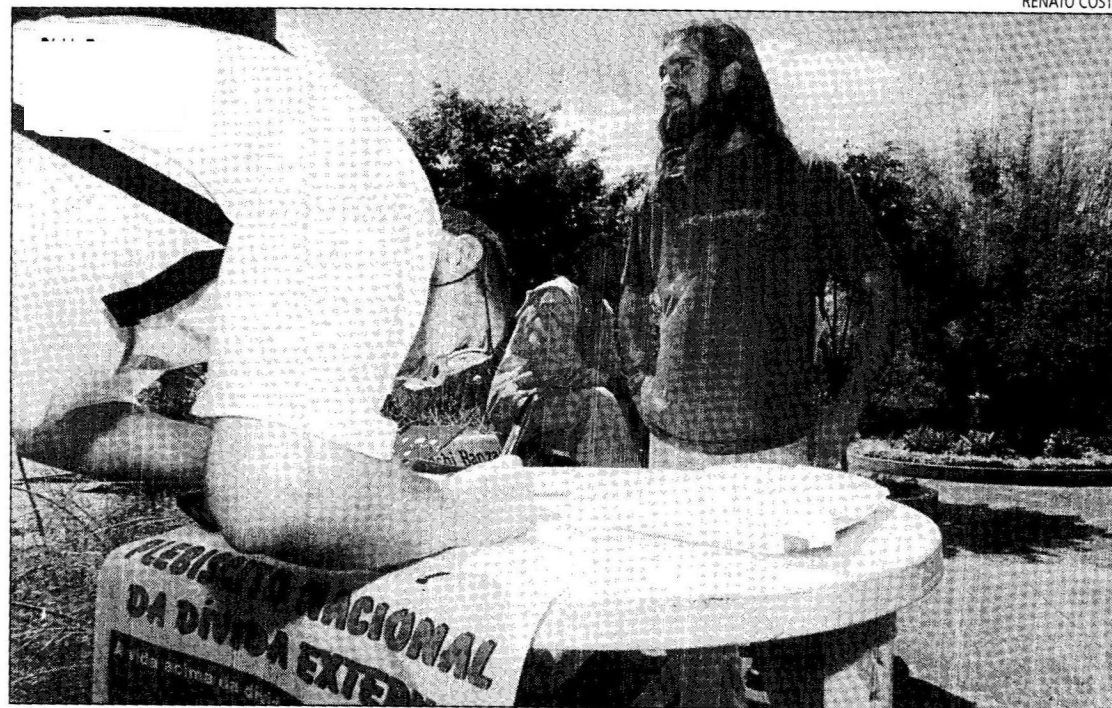
Plebiscito anima CNBB e oposição

Organizadores do movimento acreditam que houve grande mobilização social

CAROLINA NOGUEIRA

Sindicatos, movimentos sociais, organizações não-governamentais, estudantes, partidos de oposição, igrejas católicas, protestantes e evangélicas, todos unidos defendendo uma única causa: o plebiscito contra o pagamento da dívida externa, que acontece em todo o País, de sábado passado até quinta-feira, dia 7. Os organizadores do movimento comemoram a grande mobilização social conseguida pelo plebiscito, o que, para alguns, é seu verdadeiro fim. "Nunca se viu tantas entidades diferentes caminhando de mãos dadas", disse Gilberto Portes, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e articulador da campanha do plebiscito em Brasília.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), onde o projeto nasceu - em meio a muita polêmica interna -, está satisfeita com a adesão que o movimento já conseguiu. "A coisa se espalhou muito rápido", comentou o padre Alfredo Gonçalves, da Pastoral Social da CNBB. Para ele, o plebiscito é, ao



FÁBIO Carvalho, mesário na UnB, acha que se houvesse divulgação a participação teria sido maior

mesmo tempo, um ponto de chegada e de partida. "É a primeira vez que abrimos a discussão da dívida externa para a população, depois de três anos de conferências internas", disse, alertando que, por outro lado, esse é um pequeno passo para a mudança efetiva. "Temos uma longa estrada à frente, esse instrumento é forte em

pressão, mas fraco em legalidade", disse o padre, para quem "a força do plebiscito está na adesão popular".

E essa adesão está animando a coordenação do evento. Distrito Federal e Entorno já contabilizam aproximadamente 25 mil votos, conseguidos pelo trabalho de 150 entidades e com apoio até de juízes do Tribu-

nal de Justiça local. Ontem, a Universidade Católica de Brasília promoveu um debate sobre o assunto, seguindo o exemplo da UnB, que fez o mesmo na semana passada. À noite, o Centro Cultural de Brasília também promoveu uma celebração ecumênica em apoio ao movimento.

No Rio Grande do Sul, ainda sem projeção de núme-

ro de votos, a avaliação é de boa receptividade, principalmente entre estudantes. A expectativa de Minas Gerais é das mais altas - Marco Antônio Osório, da direção estadual do movimento, estima em cem mil os votos até o momento. São Paulo também comemora: as duas mil urnas previstas para o interior do Estado não foram suficientes, e agora já são cinco mil no interior, mil na capital e mais 1,5 mil na região do ABC. "Estamos acima do esperado, todos os dias temos novos pedidos", diz José Albino, da coordenação municipal de São Paulo.

No Rio de Janeiro, onde será feita a apuração dos votos no próximo sábado, os coordenadores também comemoram os resultados. Ontem, uma manifestação em prol da votação na Praça XV chamou a atenção de milhares de pessoas. Sandra Quintela, da coordenação do plebiscito no Rio, considerou o ato o grande momento do plebiscito no Estado. "Estamos aglutinando forças que estavam dispersas, a sociedade está se organizando", comemora.

Sucesso de público na UnB

Em Brasília, a adesão popular não pegou a coordenação de surpresa. "É uma votação voluntária, sobre um assunto do qual nem todos estão a par, não dá para esperar uma participação igual a de eleições oficiais", disse Gilberto Portes, do MST. Os 25 mil votantes até agora são, para ele, um dado positivo. "Em muitos lugares, há filas para votar, ou seja, as pessoas estão conscientizadas mesmo", comenta.

Um dos pontos de maior incidência de votação é o Restaurante Universitário da UnB, o famoso "Bandeirão".

Na hora do almoço, a procura pelo guichê é grande. "E só não é maior porque há outros pontos espalhados pela Universidade durante o dia", comenta Fábio Carvalho, estudante de Agronomia e mesário das votações. Para ele, faltou divulgação e informação para ampliar o número de votantes. "Muita gente acha que é um ato isolado do PT, e não vota por falta de conhecimento", opina Cecília Said, 19 anos, estudante de Letras, que fez questão de participar. "Eu acredito no movimento, a gente tem de mudar alguma coisa", disse ela.

Hoje, os guichês do plebiscito funcionam normalmente. Como amanhã, último dia de votação, é feriado, os pontos de votação estarão na Rodoviária do Plano Piloto, Água Mineral, Parque da Cidade e desfile militar. O ponto alto do encerramento acontece a partir das 14h30, no Sindicato dos Bancários (EQS 314/315). Coincidindo com o Grito dos Excluídos, manifestação contra a exclusão social que acontece no País inteiro no dia 7, o encerramento contará com um ato ecumênico e apresentações culturais.

Herança da colônia

A dívida externa brasileira é herança do período colonial. De lá para cá, o valor só aumenta. "A dívida externa está se tornando uma dívida eterna", disse dom Décio Zandonade, da CNBB. O valor bruto está em US\$ 231,1 bilhões, dos quais 60,2% (US\$ 139,2 bilhões) é do setor privado, e 39,8% (US\$ 92,2 bilhões), do setor público. O total equivale a 42% da riqueza produzida por ano no Brasil, ou cinco vezes as exportações anuais.

Mais assustador que o valor da dívida externa, no entanto, é quanto os gover-

nos federal, estaduais e municipais devem aos bancos brasileiros, a chamada dívida interna: R\$ 516 bilhões, um valor que gera mais juros que a dívida externa. Curiosamente, o plebiscito não fala no boicote à dívida interna, o verdadeiro "ladrão" dos investimentos sociais. "A dívida externa aparece mais por ser global", justificou dom Zandonade, admitindo, depois, que os coordenadores da campanha não previram essa diferença. O último calote que o Brasil deu na dívida foi em 1986.